



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO –
CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL:
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA.

TAINÁ VANESSA DE BRITO

BOQUEIRÃO: A CIDADE DAS ÁGUAS - UMA ANÁLISE SOBRE A
CONSTRUÇÃO DESSA DENOMINAÇÃO (1940-2024).

CAMPINA GRANDE
2024

TAINÁ VANESSA DE BRITO

**BOQUEIRÃO: A CIDADE DAS ÁGUAS - UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO
DESSA DENOMINAÇÃO (1940-2024).**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do curso de
História da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em História Local.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B862b Brito, Taina Vanessa de.

Boqueirão [manuscrito] : A Cidade das Águas - Uma análise sobre a construção dessa denominação (1940-2024) / Taina Vanessa de Brito. - 2024.

27 p. : il. colorido.

Digitado. Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2025. "Orientação : Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Departamento de História - CEDUC. "

1. História Local. 2. História Cultural. 3. Tradição. 4. Combate à seca. I. Título

21. ed. CDD 320.6

TAINÁ VANESSA DE BRITO

BOQUEIRÃO: A CIDADE DAS ÁGUAS - UMA ANÁLISE SOBRE A
CONSTRUÇÃO DESSA DENOMINAÇÃO (1940-2024)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do curso
de História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Especialista em
História Local.

Área de concentração: História Local

Aprovado em: 14 / 11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



BRUNO RAFAEL DE ALBUQUERQUE GAUDÊNCIO

Data: 26/11/2024 11:31:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente



THUCA KÉRCIA MORAIS DE LIMA

Data: 26/11/2024 10:53:48-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Thuca Kércia Moraes de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente



THIAGO ACÁCIO RAPOSO

Data: 26/11/2024 09:09:55-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Thiago Acácio Raposo
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- O boqueirão do rio Paraíba	10
Figura 2 - Equipe de topografia	12
Figura 3 – Máquinas do DNOCS	13
Figura 4 – Trabalhos de fundação	14
Figura 5 - Slogan da Prefeitura de Boqueirão	18
Figura 7 - Letreiro do Portal	19
Figura 8 - Estatua do Pescador	20
Figura 9 – A Praça do peixe.....	21
Figura 10 – Cartazes da Primeira e Segunda Edições da Festa do Peixe.....	21
Figura 11 – Pôr do Sol no Açude Eptácio Pessoa	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 UMA HISTORIZAÇÃO DO LUGAR.....	7
3 UMA QUESTÃO PREOCUPANTE A SECA: OBRAS DE COMBATE AS SECAS, DOS APELOS A CONSTRUÇÃO DO AÇUDE EPITÁCIO PESSOA.	8
3.1 As políticas de combate às secas.....	9
3.2 Perspectivas de um futuro e os apelos pela barragem.	9
3.3 A construção do açude Epitácio Pessoa.....	11
4 A CIDADE DAS ÁGUAS: IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS QUE OCORRERAM COM A CONSTRUÇÃO.....	15
5 MANUTENÇÃO DAS “TRADIÇÕES: ALGUMAS QUESTÕES ATUAIS DA “CIDADE DAS ÁGUAS.	18
6 METODOLOGIA.....	22
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	24
FONTES	26

BOQUEIRÃO: A CIDADE DAS ÁGUAS - UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO DESSA DENOMINAÇÃO (1940-2024)

Tainá Vanessa de Brito¹

RESUMO

Este trabalho dispõe-se a analisar quando historicamente se deu a origem do termo “Cidade das Águas” a partir da construção do Açude Epitácio Pessoa, na década de 1950. Onde destacamos também algumas mudanças socioeconômicas que ocorreram no lugar. A Pesquisa é de caráter qualitativo e segue uma perspectiva teórico-metodológica da Nova História Cultural, onde utilizamos alguns conceitos como tradição inventada e cidades imaginárias. A pesquisa foi realizada a partir de documentação oficial, história oral, fotografias, historiografia e memória da cidade e em sua estrutura dividida por meio de tópicos.

Palavras-Chave: História local; História cultural; Tradição.

ABSTRACT

This work aims to analyze when historically the term “City of Waters” originated from the construction of this important spring that is the Epitácio Pessoa Dam, in the 1950s. Where we also highlight some socioeconomic changes that occurred in the place. The research is qualitative in nature and follows a theoretical-methodological perspective of New Cultural History, where we use some concepts such as invented tradition and imaginary cities. The research was carried out based on official documentation, oral history, photographs, historiography and memory of the city and its structure divided into topics.

Keywords: Boqueirão – Paraíba; City of waters; Dam; Local History.

1 INTRODUÇÃO

Localizada no interior paraibano a cidade de Boqueirão, como tantas outras da Região Nordeste, é historicamente marcada pelas consequências das Secas, pois estão situadas no chamado Polígono das Secas. Conforme nos aponta Troleis e Silva:

Polígono das Secas enquanto recorte territorial de abrangência das condições de semi-aridez se constitui em uma área de suma importância para o delineamento de políticas públicas relacionadas ao gerenciamento e gestão dos efeitos adversos do processo de estiagem. Institucionalizado na década de 1980 [...] (Troleis; Silva, 2018, p. 26).

A questão da falta de água, é algo que desde os primeiros séculos da colonização tem causado graves problemas, por ser um fenômeno climático que trouxe diversos transtornos para a população do Nordeste. Segundo Ab’ Sáber (1999), esse processo é consequência da localização geográfica em que esta região se encontra, em uma área adjacente à linha do

¹ Aluna do Programa de Pós- Graduação Lato Sensu Estudos em História Local: Sociedade, Educação e Cultura da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: Vtaina7@gmail.com

Equador. Assim serão apresentadas apenas duas estações no decorrer do ano, uma estação muito seca, e uma outra que a sucede com precipitações pluviométricas moderadas.

Nesse seguimento, a região cariri do Estado da Paraíba, uma das mais antigas no que se refere ao processo de ocupação territorial do Brasil colônia, ao longo dos anos, também enfrentou desafios devido à falta de água. Em busca de solucionar essas tão danosas adversidades, as autoridades brasileiras começaram a perscrutar algumas formas de auxílio. Uma das soluções que foram encontradas foi a construção de reservatórios, na tentativa de suprir as necessidades básicas das pessoas. Mostrando o sentido de mudanças e transformações Ab'Sáber (1999) descreve que:

[...] Seguindo o exemplo dos Estados Unidos, o Brasil, nos fins do Segundo Império e princípios da República, iniciou a construção de um importante açude [...]. O tempo se encarregou de demonstrar que a construção de açudes em locais destituídos de planícies de inundação rio-abaxo, de nada adiantava, de imediato, para um desenvolvimento sócio-econômico mais amplo e efetivo (Ab'Sáber, 1999, p. 52).

Dessa forma, essas obras só começaram a serem efetivas no sentido resolutório, quando se chegou a um entendimento por parte do governo brasileiro que o “modus operandi” não estavam trazendo resultados. Desse modo, conforme Ab'Sáber, foi necessário para que houvesse essa mudança, a vinda de técnicos norte-americanos especializados que a partir de um longo período de estudos acharam os locais mais propícios para essas construções serem realizadas, o que casou um salto desses feitos entre os anos de 1914-1950 (Ab'Sáber, 1999). Essa política de açudagem representou um grande salto no que se refere à economia das áreas que ganharam o benefício, pois as pessoas começam a ter o líquido para o uso doméstico, manutenção da vida animal e também começaram ter a possibilidade investir na agricultura irrigada.

Tendo em vista a área onde se encontra Boqueirão-PB, damos destaque a tradição que se constituiu ao longo dos anos e que se perpetua até os dias atuais. A cidade carrega na denominação de “Cidade das Águas”, se tornando nessa concepção um verdadeiro “oásis” do cariri paraibano, pois uma dessas importantes obras que foram realizadas foi a que ocorreu na até então vila de Cabaceiras, a construção do Açude Epitácio Pessoa. Em uma região que fazia parte da bacia do Rio Paraíba, sendo aproveitado a existência de um grande boqueirão². Essas grandes aberturas não foram aproveitadas só nesse caso, fazia parte das técnicas de construção da engenharia da época utilizar-se destas. “Os grandes boqueirões dos sertões secos foram férteis em sugestões para toda uma geração de tecnocratas do passado, dedicados a projetos de construção de barragens” (Ab'Sáber, 1999, p. 16).

Assim sendo, este trabalho dispõe-se a analisar quando, historicamente, se deu a origem do termo “Cidade das Águas” a partir da construção desse importante manancial que é o Açude Epitácio Pessoa, na década de 1950. Vale destacar as transformações socioeconômicas que essa grande obra trouxe para o lugar, pois com a chegada dos trabalhadores, a então vila começa a ter um grande desenvolvimento econômico. Anteriormente à chegada do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), o comércio se resumia a algumas poucas vendas, posteriormente foram criados novos estabelecimentos. E no social pelo fato de terem sido construídos novos núcleos habitacionais, deixando de ser apenas poucas casas ao redor da pequena Igreja de Nossa Senhora do Desterro, tudo isso sendo reflexo do aumento da população.

² O nome “boqueirão”, tem por algumas de suas definições, segundo o dicionário de língua portuguesa Aurélio, “abertura, às vezes profunda, em costa marítima, rio ou canal” (FERREIRA, 2011, p.151).

Realizar uma pesquisa sobre Boqueirão é, acima de tudo, trazer para à luz das narrativas historiográficas, a história da cidade que para muitos dos seus habitantes é desconhecida. Abordar essa temática é além de tudo, uma valorização da História Local, para que tendo a possibilidade de conhecer um pouco de sua trajetória os boqueirãoenses possam se sentir como verdadeiros sujeitos, se tornando parte dessa história.

À vista disso, este trabalho se constitui como parte da linha de pesquisa de História Local, do Programa de Pós- Graduação Lato Sensu Estudos em História Local: Sociedade, Educação e Cultura da Universidade Estadual da Paraíba.

A Pesquisa é de caráter qualitativo e segue uma perspectiva teórico-metodológica da Nova História Cultural, onde utilizamos alguns conceitos como tradição inventada e cidades imaginárias. A pesquisa foi realizada a partir de documentação oficial, história oral, fotografias, historiografia e memória da cidade e em sua estrutura dividida por meio de tópicos.

2 UMA HISTORIZAÇÃO DO LUGAR

Em busca de compreendermos melhor sobre os aspectos da origem do lugar, devemos destacar que o que se tem escrito, faz referência Antônio de Oliveira Ledo, que chega nas terras que eram ocupadas pelos Indígenas Cariris. Após a expulsão dos holandeses em 1654, toma seguimento o processo de interiorização do nordeste brasileiro. O povoamento dos sertões se fazia extremamente importante neste momento, já que uma grave depressão econômica se abatia sobre as províncias que tinham como base econômica a cultura do açúcar, que estava em forte derrocada. Como aponta Faoro (apud Guedes, 2006), a crise açucareira que ocorreu nesse período, foi devido a destruição causada pelas guerras promovidas para a reconquista do território, que nesse contexto estava sob domínio holandês, como também a concorrência de mercado que o açúcar brasileiro estava enfrentando.

As terras que hoje conhecemos como Boqueirão-PB, no passado tiveram como os seus primeiros habitantes os indígenas cariris. Esses nativos eram um dos mais importantes grupos que ocuparam o atual Estado da Paraíba, mantendo uma vivência comunitária, e um vínculo com a terra. Conforme Egler e Moreira (1985), “a terra era algo mais do que o celeiro natural, era a própria razão da existência da comunidade” (apud Mariano Neto, 1999, p. 36). No cotidiano praticavam a “agricultura do feijão, milho, jerimum, além da caça e pesca (Mariano Neto, 1999, p. 39).

Quando nos remetemos a chegada do colonizador a localidade, devemos destacar o que afirma Padre João Jorge (2017), “[...] chegaram os primeiros pecuaristas na região em “terras devoluta” nas “cabeceiras de uma data de André Vidal de Negreiros”, segundo uma carta de sesmaria registrada em salvador em 1665 [...]” (Rietveld, 2017, p. 49). Antônio de Oliveira Ledo buscava um local para formar uma fazenda para fixar seus rebanhos, pois os Oliveira Ledo “[...] eram criadores de “quantidade de gados, assim Vacum, como cavalari e mais criações” [...]” (Rietveld, 2017, p. 49). Os portugueses se achavam merecedores de tais terras, porque já haviam prestado muitos serviços a coroa portuguesa (Rietveld, 2021). Ignorando a presença do nativo, o colonizador considerou que as terras “descobertas” eram posse de seu rei, subjulgando os indígenas que eram os verdadeiros proprietários desde tempos imemoriais. Como fala Rietveld (2021), “com a invasão começaram os conflitos com este “gentio”, qualificado de forma pejorativa (Rietveld, 2021, p. 123).

Os Oliveira Ledo eram uma família de “cristãos novos”, e não era parte de seus hábitos construir igrejas. Dessa forma, Antônio estava preocupado em ficar longe da perseguição que era realizada pela inquisição, para com as pessoas judias (Rietveld, 2020). Visando meramente seus interesses, o pecuarista vai em busca de ajuda de algum missionário que quisesse enfrentar

está tarefa, “converter os índios” e proteger os seus rebanhos. Um processo de catequização daqueles indígenas seria a solução, imaginava Oliveira Ledo, para doutrinar os nativos acerca da fé cristã, mas sobretudo, sobre a necessidade de se impor limites nessa relação, que deveria ser de submissão e respeito aos colonizadores ali agora estabelecidos.

Assim, nesse sentido vai surgir no ano de 1670 a missão do boqueirão de Carnoió, quando Antônio de Oliveira Ledo recorreu ao auxílio de capuchinhos franceses para formar essa povoação na região do Cariri paraibano. Como descreve Brito (2013), Antônio se dirige a Pernambuco em busca de conseguir missionários que estivessem dispostos a formar uma missão com os índios da sua fazenda, essa ficou conhecida como a missão de Nossa Senhora do Desterro do Boqueirão, que tinha como primeiro sacerdote encarregado dessa missão o frade capuchinho francês Teodoro de Lucé e também mencionou ali, algum tempo depois, o frei Martinho de Nantes.

Segundo Rietveld (2017), os missionários começaram a ter desentendimentos com Oliveira Ledo, pois o pecuarista percebeu que eles estavam preocupados em defender os nativos e não os seus rebanhos. Ele fez denúncias contra os missionários que posteriormente abandonaram a missão, pois muitos indígenas já haviam partido para a mata insatisfeitos com as perseguições do fazendeiro.

Quanto ao arraial do Boqueirão, pouco se sabe, a partir daí, sobre sua trajetória, em termos de fontes escritas. Com a construção da capela e o estabelecimento dessa missão entre os nativos Cariris habitantes do lugar, acredita-se que formou-se aí um vilarejo, às margens do Rio Paraíba, sustentando sua existência, mesmo com ínfimo crescimento. Segundo Brito:

Talvez o seu estado de abandono tenha se dado devido alguma seca ou epidemia, neste período entre 1833 e 1876, que afugentou os moradores do lugar. A propósito, isso justificaria Joffily e Medeiros tratarem o lugar como "decadente" e também o fato de não haver no lugar uma tradição oral a respeito da missão catequética, pois o lugar teria sido reocupado (Brito, 2013, p.141).

A cidade de Boqueirão, tem em suas origens a figura do nativo cariri que tem sua realidade de vida modificada, a partir da presença do colonizador que nega a sua existência como verdadeiros donos da terra. Os oliveira Ledo solicitam uma sesmaria para serem nomeados como “proprietários” do lugar, pôr o ter “descoberto”. A partir da missão dos capuchinhos se deu início ao núcleo habitacional. Em divisões territoriais, Boqueirão era um distrito pertencente a Cabeceiras de 1939 até 1958. Em 1943, passou a se chamar Carnoió, pelo decreto-lei estadual nº 520, de 31 de dezembro de 1943. Foi elevada a cidade em 1959, e pela lei estadual nº 2311, de 27 de junho de 1961, o município de Carnoió passou a denominar-se Boqueirão (IBGE)³.

3 UMA QUESTÃO PREOCUPANTE A SECA: OBRAS DE COMBATE AS SECAS, DOS APELOS A CONSTRUÇÃO DO AÇUDE EPITÁCIO PESSOA.

A região do Cariri paraibano, como outras localidades nordestinas, apresenta características que favorecem as frequentes ocorrências de longas estiagens. A escassez de chuvas ou sua existência em níveis baixíssimos, foi uma questão que muito já atormentou a vida dessas pessoas. O século XIX, foi marcado por episódios que foram devastadores. Conforme nos retrata Aivangonzares:

³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Durante o século XIX, há registros de secas em 1804, 1809, 1810, 1824, 1825, 1844, 1879, 1888 e 1889. As secas de 1804 e de 1809 não foram graves, embora a segunda delas tenha causado grande morte entre os rebanhos. Já nos anos de 1824 e 1825 aparece um novo desastre, com grande perda de vidas humanas devido à peste de bexiga. Passaram-se 52 anos para que o flagelo voltasse a se desencadear com violência na região (Aivangonzares, 1984, apud OLIVEIRA, 2007, p. 24).

Dessa forma, a seca por si só já causava muita fome e miséria ao coincidir com outros fatores como epidemias ocorridas na mesma época causaram um resultado desastroso e avassalador. Por volta de 1877 e 1879, ocorreu uma seca que associada a doenças como febre amarela, varíola e outras doenças devastou o Nordeste brasileiro, tirando a vida de cerca de 500 mil pessoas e isso fez com que o Governo Imperial se sensibilizasse e começa-se a buscar soluções para essa problemática (Aivangonzares, 1984, apud Oliveira, 2007).

3.1 As políticas de combate às secas

As políticas de combate aos transtornos ocasionados pelas secas só foram pensadas de forma tardia, remetendo ao governo imperial. De acordo com Lima e Magalhães, ao ir até a localidade atingida pela seca ocorrida em 1880, o imperador Dom Pedro II, comovido com a cena que testemunhou, comprometeu-se em fazer todos os esforços possíveis para que as pessoas recebessem o socorro necessário (Lima; Magalhães, 2018). As medidas inicialmente realizadas não foram realmente eficazes no tocante a resolver de forma efetiva a situação da população.

Posteriormente, já no século XX, no qual o Brasil já havia se tornado uma república. O governo federal, buscando uma centralização e organização das obras de combate as secas, criou por meio do Decreto nº 7. 619, de 21 de novembro de 1909, a IOCS (Inspeção de Obras Contra a Seca)⁴, que por meio do Decreto nº 13687, de 09 de julho de 1919, passou a se chamar IFOCS (A Inspeção Federal de Obras Contra a Secas)⁵. Essa inspetoria, com todas as dificuldades que enfrentou em trabalhar de forma eficaz, como a anterior, se torna obsoleta e cede espaço a outro projeto.

Então finalmente, por meio do Decreto nº 8486, 28 de dezembro de 1945, passou a denominar-se DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca) foi o novo órgão criado, e foi responsável por realizar inúmeras obras em vários aspectos no nordeste brasileiro. Uma dessas grandes obras que foram realizadas foi a construção do Açude Epitácio Pessoa, ou como é mais conhecido, o Açude de Boqueirão.

3.2 Perspectivas de um futuro e os apelos pela barragem.

A construção desse reservatório já era vista como algo possível no século anterior a sua construção, quando em sua obra “Notas sobre a Parahyba” Irineu Joffily⁶ traz essa abordagem:

⁴ Era responsável por realizar estudos para reconhecer as possibilidades e os recursos naturais das áreas. (Silva, 2005 apud Oliveira, 2021).

⁵ Essa inspetoria era incumbida de questões estruturantes como a criação de estradas, distribuição elétrica, poços e açudes (Araújo, 1990 apud Silva, 2012).

⁶ Irineu Ceciliano Pereira da Costa nasceu em 15 de dezembro de 1843, na Fazenda Lajedo, em Pocinhos, próximo a Esperança, interior da Paraíba. Filho de pecuarista, Irineu foi enviado aos doze anos para a escola do padre Rolim, em Cajazeiras – também na Paraíba –, que na época recebia alunos de várias partes do Nordeste. Em 1857, após a morte do pai, Irineu retornou a Pocinhos, mas depois foi morar com a mãe e o padrasto no Recife. Nesta cidade, ingressou, aos dezoito anos, na Faculdade de Direito [...] em março de 1864, dois anos antes de concluir o

Seguindo-se do litoral para o interior do Estado, encontra-se o primeiro boqueirão na distância de cerca de 40 léguas: é o que forma o rio Parahyba na serra Carnoió, na comarca de Cabaceiras, onde é situada a povoação do Boqueirão. Presta-se admiravelmente a imenso açude ou depósito d'água, talvez de capacidade mais de dupla do de Quixadá, no Ceará, e exigindo despesas inferiores (Joffily, 1892, p. 18).

Como podemos observar na fala de Joffily, o local já era visto como sendo propício para tal construção. Isso seria um meio de solucionar os danos causados pelas secas ao longo dos anos. Na imagem a seguir é retratado o boqueirão, antes das obras de construção da barragem, é possível observamos por meio desta, a grandeza da abertura, local por onde o rio corria antes da perenização.

Figura 1- O boqueirão do rio Paraíba



Fonte: Página Memorial das águas no Facebook⁷

No que se refere a construção de um discurso sobre as possibilidades de uma grande obra nessa região, podemos perceber um caráter científico sobre o fato no Dicionário corográfico da Paraíba, onde Coriolano de Medeiros fala sobre os “boqueirões”.

Soluções de continuidade nas serras, em consequência da ação das águas. Dentre os boqueirões na Paraíba, destaca-se: o da serra do Boqueirão onde assenta a vila de Carnoió, o qual, segundo o engenheiro suíço e geólogo H. Baudman, que fez observações quanto a serviço das obras contra as secas podia ser transformado num considerável reservatório, fazendo-se uma barragem de 12 metros de altura; [...] (Medeiros, 2016, p. 41).

Nesse trecho da obra de Coriolano de Medeiros, podemos observar que já se previa uma “obra salvadora” para suprir as questões da falta de água. Vale ressaltar ainda que as pesquisas do cientista suíço foram modestas tendo em vista que a barragem foi construída em proporções muito maiores.

Dando seguimento a essas perspectivas futurísticas, destacamos a fala de Irineu Joffily em um artigo no jornal O Brasil, no ano de 1891:

Breve notícia sobre a Paraíba – [...] convencidos de que a multiplicação dos açudes reformaria o estado físico do sertão, além das grandes vantagens que traria incontinente para a criação e agricultura; julgo que o governo comete grave falta em não auxiliar ou promover por todos os meios a sua construção com a solidez desejável.

curso jurídico, Irineu mudou o sobrenome para Joffily, contração adaptada do latim *josephus fillii* (filho de José) (Joffily, 1977; Joffily, 1982 apud Vieira, 2011, p. 2).

⁷ Disponível em: www.facebook.com/memorialdasaguas. Acesso em: 25 de set. 2024

O estado deveria dar o exemplo, mandando levantar diques nesses boqueirões que descrevi; e em outros que existem em todo o sertão da paraíba. Essas obras servirão do mesmo tempo de escola pratica aos sertanejos, para as quais correriam eles também com sua experiência. Os principais rios do sertão não têm açudes, ninguém ainda ousou reprezar-lhes as águas [...] um poderoso dique que restabelecesse a continuidade de sua serra, rompida por caudalosa torrente, seria uma obra que por si só mudaria o aspecto e o clima de uma ribeira ou de grande parte dela. Assim, o boqueirão de Cabaceiras faria represar o rio Parahyba cinco ou seis léguas, fertilizando terrenos suficientes para sustentação, por meio da agricultura [...] (Jornal O Brasil, 1891, p.3).

Ao analisarmos esse trecho, de um extenso artigo escrito por Joffily, podemos perceber as grandes transformações que já eram previstas com a construção da represa, está já era vista como o renovo que a região tanto precisava. Era algo necessário para suprir as necessidades da população, como o autor menciona mudaria a vida das pessoas que poderiam desenvolver a agricultura para seu sustento. Dessa forma, já se configurava uma obra que geograficamente transformaria o espaço trazendo novas possibilidades para seu entorno.

Com o passar dos anos, o discurso de represar o boqueirão de Cabaceiras seria o meio de solucionar os transtornos causados pela seca é reforçado, cinquenta anos depois da fala de Joffily. Além da ideia de que o local pode ser “a cidade das águas”, outras visões surgem apontando outros “horizontes”, com um novo parecer, de ser uma grande geradora de energia para prover as necessidades elétricas que já estavam sendo previstas para o Estado. Como podemos observar em um trecho do jornal Diário de Pernambuco, o então interventor do Estado, Rui Carneiro fala sobre essas possibilidades, isso ocorre em um contexto do governo de Getúlio Vargas (Estado Novo):

[...]Temos assim de encarar outros problemas, que só poderão ser solucionados com o emprego da energia hidroelétrica. Mercê de entendimentos que tive com o governo federal, teremos a regularização do rio paraíba, o que evitará para o futuro a tragedia de alagamento de grandes regiões, vítimas periódicas das cheias do grande rio. Já o dr. Luiz Vieira, dirigente inspetor das obras contras secas, enviou para aquela região um engenheiro que faz ali levantamento aero-topográfico, afim de construir entre os municípios de Campina Grande, Cabaceiras e Umbuzeiro uma grande barragem que, com uma queda d'água de 70 metros, fornecerá energia para uma grande parte do Estado. Será um serviço de grande valia que a Paraíba ficará devendo a Inspeção de Secas (Jornal Diário de Pernambuco, 1941, p.5).

A partir desse artigo do Diário de Pernambuco, é perceptível como as autoridades constituintes começaram a reforçar esse discurso em torno da urgência em se construir um açude, que não seria apenas um reservatório que socorreria a população do problema da falta de água, mas chegaram a levantar até outras questões, como ele seria capaz de proporcionar também uma solução para os empasses elétricos do Estado. Dessa forma, é possível constatar como essa tradição que denomina Boqueirão como “a cidade das águas” foi sendo construída ao longo do tempo, mais adiante como veremos na década de 1950, isso foi se consolidando a partir da construção do manancial.

3.3 A construção do açude Epitácio Pessoa

A obra de construção do popularmente conhecido, Açude de Boqueirão, foi o “divisor de águas” para a história da pequena vila que pertencia ao município de Cabaceiras. A obra foi uma forma de solucionar a crise de abastecimento de água, pela qual passava Campina Grande, que por essa época já se despontava como sendo uma das mais importantes cidades do interior nordestino. Como nos aponta Souza, por volta de 1939, durante o período de administração de Argemiro de Figueiredo, que começa funcionar o sistema adutor de Vaca Brava que se situava na cidade de Areia, esse sistema para o momento parecia ser eficaz, mas era percebido que ao

passar dos anos esse se tornaria insuficiente diante o constante crescimento populacional que só aumentava ao longo dos anos, dessa forma ocorreu, o sistema de Vaca Brava entra em colapso e um caos se instala na cidade trazendo doenças e sede (Souza, 2013).

A partir da construção do Açude Epitácio Pessoa é percebido a fomentação da ideia de Boqueirão como a “cidade das águas”, pois esse líquido tão precioso seria a solução, ou seja, o socorro para o povo caririzeiro que tinham sua história marcada pelos danos em decorrência das secas, como também, conter os danos que o rio causava em suas grandes enchentes no tempo chuvoso. Ao analisarmos o jornal “O Boqueirão”, podemos observar a grande importância e dimensão dessa empreitada, tendo em vista que com o início da obra a começa a ser represado o Rio Paraíba, que por sua grande bacia chegou a causar muitos transtornos à população:

Os engenheiros das obras contra as Secas acabam de realizar um feito sensacional: transformaram um bicho de sete cabeças em manso carneiro criado para montaria de menino. O rio Paraíba, o terrível, o que nunca respeitou o homem ribeirinho, o que derrubava lavouras e afogava rebanhos, não faz mais medo a ninguém. É, hoje em dia, um rio como os outros [...], o Paraíba fez misérias pelas várzeas, arrasando partidos de cana, invadindo casas como cangaceiro que tivesse vindo de terras sertanejas para implantar terror [...] (Jornal O Boqueirão, 1957, p. 01).

A então pacata vila começa a mudar a sua realidade monótona e se abre para o início dos trabalhos da tão sonhada barragem. Por volta dos fins da década de 1940 e início dos anos de 1950, chegam a Boqueirão os primeiros trabalhadores do DNOCS, para dar início aos trabalhos topográficos (DNOCS, 2017). Segundo nos aponta Guimarães:

[...] chegavam a Boqueirão a primeira turma de topografia, vinda do Recife, a mando do Engenheiro Paulo Barros, chefe do Serviço de Estudos do D.N.O.C.S. e comandada pelo engenheiro Itiel, um moço de procedência Européia, comandante e comandados instalaram-se como perderam ali na vila [...] (Guimarães, 2003 apud Souza, 2013, p. 118).

A partir das descrições feitas pelo autor, é possível entender um problema que tinham de enfrentar durante a construção do açude, que eram questões sobre moradia e comida para todos esses trabalhadores que ali se encontravam. Temos que levar em consideração ao observarmos essa questão é que a vila de Boqueirão até então era um pequeno arraial, que se resumia a poucas casas em torno da igreja de N. S. do Desterro. Então, com a chegada dessas pessoas começa a incentivar a expansão do lugar para que pudesse comportar toda essa demanda. Nessa imagem é retratada a equipe de topógrafia que, foram os primeiros trabalhadores do DNOCS que chegaram a região, como foi descrito por Guimarães (Figura 2).

Figura 2 - Equipe de topografia



Fonte: Página Memorial das águas no Facebook⁸

⁸ Disponível em: www.facebook.com/memorialdasaguas. Acesso em: 25 de set. 2024

Tendo o objetivo de solucionar as necessidades dos sertanejos, o açude tinha como prioridade após sua construção, suprir as carências hídricas da população e dos animais, perenizar o rio Paraíba, possibilitar a irrigação e gerar energia, as obras tiveram início em 1951 (DNOCS, 2017). Essas eram algumas das funções que ao elaborar o projeto às autoridades responsáveis consideravam como sendo possível serem realizadas. Com uma bacia hidráulica de grandes dimensões que se estende numa área que envolve os três atuais municípios de Boqueirão, Cabaceiras e Barra de São Miguel, o que é equivalente a 2.680,00 hectares, o açude após sua conclusão teria capacidade de armazenamento de cerca de 535.000.000m³. Essa capacidade foi sendo perdida devido ao fator do assoreamento e atualmente ele comporta 410.000.000 m³, ou seja, ao longo dos anos ele perdeu 125.000.000 m³ de sua capacidade (DNOCS, 2017). Uma obra de tamanha proporção possibilitou discussões por parte dos políticos sobre a “paternidade” da grandiosa obra. No artigo “Iniciada a construção da barragem Boqueirão de Cabaceiras”:

Uma das obras que o governo da união vem realizando na Paraíba é a do sistema para controle do rio Paraíba, nas suas nascentes, no município de Cabaceiras, cujo início se verificou em atenção a solicitação do então governador do Estado, sr. José Américo. Visa esse sistema regularizar o curso do rio Paraíba, proporcionar irrigação às terras secas do cariri e da Caatinga e energia elétrica num potencial de 10 a 12.000 HP. Compor-se-á de três barragens, sendo que a primeira delas e que é base do seu sistema terá a capacidade de armazenamento para seiscentos milhões de metros cúbicos d’água. Com a conclusão dos serviços de acampamento e preparação do terreno foi iniciado ontem o trabalho de terraplanagem dessa primeira barragem do Boqueirão de Cabaceiras (Jornal Diário de Notícias, 1953, p. 2).

A obra foi transformadora para vida dos habitantes da pequena Boqueirão. “A construção do açude durou cinco anos. A tranquilidade da vila foi quebrada, os moradores passaram a conviver com novos costumes, linguagens e horários, fatos que provocaram mudanças no seu dia-a-dia” (Oliveira, 2007, p.34). Por sua grande proporção a obra necessitou do auxílio do que tinha de mais moderno na época, no tocante à maquinário e isso também podemos considerar como um fator que vai mudar a rotina do lugar, pois deixou de ser pacato, com as movimentações da obra. Na imagem seguinte podemos observar algumas das máquinas que foram usadas na obra (Figura 3).

Figura 3 – Máquinas do DNOCS



Fonte: Página Memorial das águas no Facebook⁹

O maquinário que foi utilizado na obra, como vemos na imagem era o que se tinha de

⁹ Disponível em: www.facebook.com/memorialdasaguas. Acesso em: 25 de set. 2024

mais avançado na época, como já citado, e imprecionava quem se deparava com seu uso no decorrer da obra. Como é retratado, no jornal *A União* de 21 de Julho de 1953. Uma comitiva que veio a Boqueirão visitar a obra e, constataramo seu grande porte e elevado nível de recursos técnicos:

A comitiva do general Juarez Távora demorou-se algumas horas na região do açude “Boqueirão de Cabaceiras”, mas, foi o suficiente para levar uma ideia do arrojo e concepção de um plano gigantesco que envolve, em sua estrutura, a recuperação de toda uma vastíssima zona do nosso Estado. Homens e máquinas ali trabalham o solo e a rocha, dia e noite, sem interrupção no ritmo de atividade, para ver se mais não tarda a solução de um problema [...] (Jornal A União, 1953, p. 3).

A obra tinha um grande número de operários e foi investido o mais sofisticado da engenharia que existia no tempo, e como podemos ver nesse trecho isso deixou os integrantes da comitiva maravilhados com essa grandeza da engenharia. Muitas pessoas trabalhavam nessa obra porque muitas vezes não tinham outra forma de conseguirem o sustento para sobreviver a custo de uma jornada de trabalho longa e sofrida, e isso nos é confirmado pelas palavras do senhor Severino Amaro Guimarães, pois ele foi uma testemunha ocular dessa obra, trabalhando na construção do açude público Eptácio Pessoa, “um complexo de homens e máquinas se movia diuturnamente num vai-e-vem impressionante durante cinco anos. Muitas coisas aconteceram gerando lágrimas, suor e sangue, o que é peculiar às grandes obras [...]” (Guimarães, 2003 apud Souza, 2013). Na próxima imagem são retratados os operários nos trabalhos correspondentes a fundação do açude, como também é possível observar no lado esquerdo superior os galpões, que compunham o acampamento do DNOCS (Figura 4).

Figura 4 – Trabalhos de fundação



Fonte: Página Memorial das águas no Facebook¹⁰

Após cinco longos anos de trabalho, a obra foi finalmente concluída em 1956. Sua inauguração ocorreu no ano seguinte, em janeiro de 1957, e contou com a presença de figuras ilustres, incluindo o então Presidente da República, Juscelino Kubitschek. Segundo o Diário de Notícias de 18 de janeiro de 1957:

Abastecimento d’água de Campina Grande – Logo depois da recepção, o sr. Kubitschek seguiu de automóvel para o local da nova barragem do Boqueirão, a cinquenta quilômetros de Campina Grande, destinada a reservar 563 milhões de metros cúbicos d’água para o abastecimento da cidade. Na crista da barragem, antes de descerrar a placa comemorativa da inauguração, o sr. Juscelino Kubitschek foi

¹⁰ Disponível em: www.facebook.com/memorialdasaguas. Acesso em: 25 de set. 2024

saudado pelo deputado Drault Ernani e pelo diretor do Distrito do D.N.O.C.S., engenheiro Anastácio Maia. A altura principal da barragem é de 54 metros e sua extensão, de 347 metros. Finda a cerimônia de inauguração, o presidente da República regressou de automóvel ao aeroporto, de onde viajou para o Rio, fazendo escala em Belo Horizonte. (A.N.) (JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1957, p.3).

Vários foram os discursos políticos sobre essa obra que impressionava por sua dimensão, ela mudaria não só a história da pequena vila, mas sua conclusão resultava impactos para todo o Estado da Paraíba. Nesse contexto, Boqueirão se encaminhava para sua futura emancipação política do município Cabaceiras e o lugar que um dia foi muito importante no processo de interiorização da Paraíba, ganhou uma nova alcunha a partir construção, recebendo uma nomenclatura em relação a presença desse líquido precioso.

A obra era uma demonstração do que se tinha de mais moderno na engenharia nacional. A sua inauguração foi de tanta relevância, que fez parte das festividades do aniversário de primeiro ano de governo do Presidente Juscelino Kubitschek. Conforme o Semanário Oficial de Campina Grande de 19 de janeiro de 1957:

Visita Campina Grande o Presidente Juscelino Kubitschek – Conforme vinha sendo anunciado, recebeu Campina Grande, no dia 16 do corrente, a visita do Presidente da República, que em cumprimento a um vasto programa comemorativo do primeiro aniversário do seu governo, inaugurou diversos serviços públicos realizados pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, nesta cidade e no vizinho município de Cabaceiras [...] logo após, deslocou-se S. Excis. para Cabaceiras em cujo município inaugurou a barragem do açude de Boqueirão. Revestiu-se, pois, de grande significação a visita do Presidente da República a Campina Grande, uma vez que com sua presença quis o ilustre chefe da Nação reafirmar o propósito que o anima, desde o encontro dos Bispos do Nordeste, de nossa Cidade, qual seja o seu abastecimento d'água. Logo após o ato inaugural da barragem do Boqueirão, o presidente Juscelino regressou a Capital da República. (Semanário Oficial, 1957, p. 1).

O trecho a cima, é um exemplo dos usos políticos que a obra teve, vários foram os políticos que quiseram ter sua “parcela de contribuição”, nessa obra que representava a “redenção” de tantos nordestinos castigados pelos danos causados pelas secas. Assim, o evento de inauguração fez parte das comemorações do aniversário de governos do Presidente Juscelino Kubitschek.

4 A CIDADE DAS ÁGUAS: IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS QUE OCORRERAM COM A CONSTRUÇÃO.

Com a construção do açude, foi sendo construída uma nova ideia sobre o lugar. A partir dos discursos e repercussões dessa significativa obra. De acordo com Sandra Jatahy Pesavento (2007), as cidades são construções feitas por meio das mentalidades dos seus habitantes, que criam imagens e faces de uma mesma cidade. Assim sendo, foi desenvolvida uma nova perspectiva em torna da então vila de Cabaceiras. O lugar que era castigado pela seca, passe a ser visto como um “oásis”, em meio ao cariri paraibano.

De acordo com Silva (2012), muitas pessoas começaram a vir para Boqueirão, tendo em vista os trabalhos gerados pela agricultura irrigada desenvolvida em torno do açude, a população da vila aumentou, o que gerou um desenvolvimento do comércio local. Então, a população começa a reivindicar o desligamento de Boqueirão da cidade de Cabaceiras, o que ocorreu por meio da Lei Estadual nº 2.078, de 30 de abril de 1959. O distrito é elevado à cidade apenas dois anos após a inauguração da represa.

A “cidade das águas”, essa tradição foi se tornando parte da sociedade tendo em vistas todos os discursos construídos em torno da construção da barragem. Algumas das transformações econômicas e sociais que ocorreram antes mesmo do término das obras estão presentes na memória dos boqueirãoenses, como poderemos observar ao longo desse tópico.

A pequena vila não continha meios para alojar todo o pessoal que estava chegando para trabalharem na obra eram pessoas vindas de várias partes da Paraíba, como também, de outros estados vizinhos. Tendo em vista as dificuldades financeiras causadas pelos problemas da seca, as pessoas estavam necessitadas. Como nos descreve Manoel Rodrigues:

Essa obra tinha finalidade de abastecer Campina Grande né, então foi divulgado. Era jornais naquele tempo, era jornal pra todo lado, Rádio Caturité e cariri, é naquele tempo tinha outra não. Era anunciado e o povo vindo, o povo todo precisando de dinheiro uma escassez financeira medonha (Rodrigues Neto, 2022).

Com a divulgação por meio de rádio e jornais da época várias pessoas vieram buscar trabalho, A partir dos relatos dos entrevistados esse total varia entre dois mil e cinco mil pessoas que trabalhavam na barragem descreveu Manoel Rodrigues:

Veja bem, quando começaram arregimentar o povo para essa obra tinha uns cinco mil homens, era gente de tudo quanto era canto. Vinham do Ceará, do Sertão, Campina Grande, Queimadas, de Boqueirão mesmo e dessa região aqui todinha. Era muita gente, então a variedade de cultura era complicada. Até diarista tinha, eram diaristas, intelectuais, todos participando dessa obra. Vinha gente de Monteiro, Serra Branca, Boa vista, subindo por ali tudo vinha trabalhador (Rodrigues Neto, 2022).

Percebemos a partir das falas de Manoel Rodrigues, que já antes mesmo de começarem as obras já se tinha um discurso “redentor” em torno da obra, que ao ser anunciada em rádios e jornais atraiu um grande número de pessoas que estavam necessitando de algum socorro para fugir das dificuldades financeiras que enfrentavam. Desse modo, surge a necessidade de ter moradia e alimentos para todos esses homens, pois a pequena vila não podia comportar como relata o senhor Antônio Plínio:

No início da obra a vila tinha cerca de 200 moradores. Um pedacinho da Oliveira Ledo e o quadradinho da igreja. Segundo meu pai, a vila era muito pequena se não me falha a memória 40 casas, algo muito pouco e atrasado (Costa, 2022).

As moradias que foram providenciadas para alojar os trabalhadores não eram bem estruturadas. Segundo Antônio Plínio, eram uma fileira de barracas de lona e palha trançada que comportam até trinta operários (Costa, 2022). A senhora Maria Emília veio para Boqueirão porque seu pai era funcionário do DNOCS e ela descreveu sua chegada:

Meu pai veio trabalhar no açude, na fundação, depois de mais ou menos um ano ele mandou buscar a gente. A família estava em Cabaceiras. Já cheguei, já tinha começado a construção, Boqueirão era pequeno não tinha nada disso. Estava começando o acampamento do DNOCS não tinha nada disso, a gente não veio morar numa casa, foi numa casa de palha, os operários da fundação moravam em barracas de palha sabe, eu cheguei com as coisas e disse papai o que é isso? Ele disse, nada minha filha depois da melhora. (Santos, 2021).

Diante das necessidades, o DNOCS realizou algumas construções para melhor atender as demandas da obra. Foram construídos núcleos habitacionais para os trabalhadores. É importante destacarmos que foram criadas três vilas e que era determinado os habitantes de cada vila pelo cargo que exercia na obra. Dessa forma, trabalhadores braçais não moravam do lado de um engenheiro. Segundo Antônio Plínio, “o novo acampamento ao ser concluído, moravam os técnicos na vila do morro, na mecânica eram os motoristas, mecânicos e naquela subindo para cabaceiras a operária moravam os operários braçais” (Costa, 2022).

Desse forma, ao analisarmos os relatos percebemos que a pequena vila já sente as transformações que ocorreram o início das obras, o comércio local não possuía capacidade para suprir as novas demandas, “só tinha uma buodega pequena (Costa, 2022). Conforme Manoel Rodrigues, “Antes o comércio só tinha meu avô e a igreja, uma merceariuzinha, ali por trás da igreja” (Rodrigues Neto, 2022). Assim, a pequena localidade não tinha inicialmente qualquer condições para fornecer alimentos em larga escala como se fazia necessário. Então o DNOCS criou uma espécie de galpão que venderia os suprimentos para seus funcionários. Conforme Antônio Plínio:

Os barracões para distribuição de alimentos, foi instalado uma na esquina da Félix Araújo com a Oliveira Ledo e o outro na rua por trás da igreja. O DNOCS comprava feijão, farinha, e despachava para os operários, os pagamentos não eram regulares e quando recebiam era descontado o quanto tinham comprado e o resto era entregue ao trabalhador (Costa, 2022).

Com a circulação de dinheiro aumentando devido a todas essas pessoas trabalhando e morando na vila, o comércio começou a se desenvolver e surgiram novas mercearias para atender as necessidades do povo. Segundo Manoel Rodrigues:

Aí as coisas foram melhorando, evoluindo e foi aparecendo seu Antônio do Rêgo com outra mercearia, foi evoluindo né. Severino Macêdo que botou uma casa de artigos de pano sabe, seu Alfredo Florentino que era alfaiate, as coisas foram aos poucos evoluindo foi aparecendo padaria, depois cinema, Milton Ramalho botou um bar e comprou uma difusora e foi aparecendo bares, sinucas essas coisas (Rodrigues Neto, 2022).

A evolução começa surgir na pequena localidade, o comércio cresceu a partir do aumento da renda das pessoas, de poucas “bodegas” passou a existir outros estabelecimentos que oferecem novos atrativos para essa população. A energia elétrica também chegou à localidade por meio do DNOCS:

As mudanças vieram pra Boqueirão no decorrer da obra, tinha alí a casa de força, alí a última casa depois do escritório, lá funcionava a casa de força era duas máquinas que gerava energia pra obra e pra cidade, então devagarzinho estalaram energia na cidade, antes era tudo escuro como um breu. Depois o DNOCS estalou monofásica, cada casa com um ou dois bicos de luz o motor também não aguentava muita coisa (Rodrigues Neto, 2022).

Com o termino das obras Boqueirão que já havia sofrido grandes modificações do social ao econômico, a inauguração se tornou um momento da grande festa, foi um evento muito divulgado, e com a presença de tantas figuras importantes, como o presidente JK. Como descreveu o senhor Antônio Plínio:

O final foi uma apoteose, JK veio em janeiro de 1957, uma festa que apurou três dias com danças ao ar livre, pastoril de frente ao DNOCS, o dance dos trabalhadores qualificados era de frente ao cemitério velho. Foi feito um dance, até hoje tem um muro de placa de cimento, foi feito um pavilhão para os engenheiros. E a plebe, como se diz ficou na garagem, ali foi um baile. Os três dias muita festa, muita festa e muito churrasco o pessoal de fora que vinham nos caminhões saiam com os quartos de bode assado e gritando. No fim da tarde, muito vinho e shop tambor de 200 litros com torneira (Costa, 2022).

Com a represa inaugurada, o local vai se tornando ao longo dos anos um ponto turístico para cidade, que se torna atração para as pessoas da cidade e das localidades vizinhas. Antônio Plínio nos retratou um pouco sobre:

Onde hoje é o restaurante Margem das Águas, foi construído um mirante, para que pudesse contemplar o açude, aí depois foi mudando de uso, passou a ser matinê com disputa de dança, quem dançava mais bolero. Ai depois tonou-se um ponto comercial. Era pra ter sido um monumento tombado, mas foram modificando.

Com a construção do açude, Boqueirão uma nova “roupagem” se constituiu no lugar, com sua emancipação em 1959, deixa suas ligações políticas com a cidade de Cabaceiras, que tem uma identidade relacionada ao “lugar mais seco do Brasil”, e tem a partir sua identidade modificada, se tornando a tradicionalmente conhecida, “cidade das águas”.

5 MANUTENÇÃO DAS “TRADIÇÕES”: ALGUMAS QUESTÕES ATUAIS DA “CIDADE DAS ÁGUAS”.

Quando pensamos na continuidade dessa tradição, devemos observar quais elementos na atualidade constituem uma continuação das construções e discursos que foram produzidos em um dado momento da história, e reforçam essa concepção de Boqueirão ser comumente chamada de “cidade das águas”. Como afirma Hobsbawn e Ranger:

[...] na medida em que há referência a um passado histórico as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória (Hobsbawn; Ranger, 1997, p. 9).

Com uma população cidade de 17.598 pessoas, conforme o censo do IBGE de 2022, a cidade na atualidade apresenta vários fatores que contribuem para perpetuação da ideia de “cidade das águas”. Ao nos referirmos aos instrumentos que contribuem para que ocorra uma manutenção dessa tradição, devemos dar ênfase a economia do lugar, porque boa parte dessa população são beneficiados financeiramente com os usos das águas do Açude de Boqueirão, como é popularmente conhecido. A agricultura irrigada que é desenvolvida no entorno desse grande manancial é um importante elemento que alavanca a economia da cidade e também do Estado da Paraíba. Os dados do IBGE sobre a produção agropecuária da cidade vêm nos confirmar essas afirmações, onde Boqueirão é uma das maiores produtoras de Cebola da Estado, superando no ano de 2023, as 1.050 toneladas. Além dessa grande produção, são desenvolvidos outros cultivos como frutas, verduras, legumes e hortaliças.

Nessa busca de aspectos que perpetuem essa ideia, nós voltamos agora aos símbolos oficiais que são utilizados no município, damos destaque ao slogan que a Prefeitura de Boqueirão faz uso, mais especificamente na atual gestão do Prefeito João Marcos de Freitas (2021-2028), como podemos verificar a seguir:

Figura 5 - Slogan da Prefeitura de Boqueirão



Fonte: Página da Prefeitura Municipal de Boqueirão no Facebook¹¹

¹¹Disponível em: www.facebook.com/PrefeituraMunicipaldeBoqueirao/?locale=pt_BR Acesso em: 10 de out. 20

A imagem nos possibilita percebermos que são utilizados elementos que reforçam a ligação da cidade com as águas do açude, tendo em sua composição em tons de azul uma representação que se refere a água, percorre toda a imagem sobre o nome “Prefeitura de Boqueirão”. Outro elemento que nos deixa mais explícito ainda que as águas da imagem são exatamente do Epitácio Pessoa, é o desenho da torre do açude que foi feito com muita fidelidade a real e com um sol sobre ela, o que nos leva pensar que faz referência ao belo pôr do sol que é possível contemplar do topo da barragem como veremos posteriormente.

Outro aspecto importante de nossa análise é o Portal Turístico, construído no ano de 2019, pelo prefeito João Paulo Barbosa Leal Segundo (2013-2020). Ao chegar à cidade, os visitantes são imediatamente confrontados com a mais explícita referência ao precioso e abundante líquido que caracteriza a região. Este portal está situado em uma das entradas principais da cidade, especificamente na PB-148, que conecta a cidade a localidades como Queimadas-PB e Caturité-PB. Como ilustrado nas imagens a seguir:

Figura 6 - Portal Turístico



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Figura 7 - Letreiro do Portal



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

O local é um dos pontos turísticos mais visitados da cidade, tem elementos que remetem também as águas do açude e traz a inscrição que reforça e deixa claro a quem chega, que

Boqueirão é a “cidade das águas”. Assim, reforçando esse imaginário das águas aos visitantes que chegam à cidade.

Outro monumento que não pode faltar em nossa pesquisa é a Estátua do Pescador, que serve como um símbolo dessa "tradição inventada". Esta obra homenageia a pesca, uma das atividades econômicas mais importantes do município, praticada nas águas da grande represa local. A estátua está situada logo após o Portal de entrada da cidade, no cruzamento das ruas Trinta de Abril, Severiano Macêdo e Sueldes Clemente Cruz. Como mostrado na imagem a seguir:

Figura 8 - Estátua do Pescador



Fonte: De autoria própria, 2024.

A estátua, foi instalada no ano de 2022, na gestão do atual prefeito João Marcos de Freitas (2021-2028), que no ano de 2023, criou a Festa do Peixe como veremos no decorrer deste tópico. É uma representação dessa como já citada relevante atividade econômica, que alguns dos boqueirãoenses tiram o sustento de suas famílias por meio da Pesca Artesanal¹². Conforme Sousa (2022), em 2015, eram cadastrados na colônia de pescadores local, chamada Colônia Z8, cerca de 600 pescadores. Diante do exposto, podemos afirmar que para o povo caririzeiro, o precioso líquido presente no reservatório, é a principal fonte onde muitos tiram a sua renda familiar.

Tendo em vista a grande relevância dessa atividade econômica para localidade, destacamos um novo local em meio a esse percurso que estamos realizando. Sendo mais um instrumento que faz alusão as águas do Epitácio Pessoa, como parte da identidade do lugar. A Praça do Peixe fica localizada nas proximidades do açude, onde no período da construção funcionava os galpões, garagem e oficinas do DNOCS. Ela tem esse nome por causa do formato em que foi construída representando um Peixe, teve sua construção iniciada na gestão prefeito Carlos José Castro Marques (2005-2012), mas as obras só foram finalmente finalizadas na

¹² A Pesca artesanal é a que é realizada conforme Diegues (1983), “[...] aquela realizada dentro dos moldes da pequena produção mercantil e comumente utilizam vendedores intermediários para comercialização[...]” (apud Sousa, 2022, p. 1).

administração do prefeito João Paulo Barbosa Leal Segundo (2013-2020). Podemos observar a praça a baixo:

Figura 9 – A Praça do peixe



Fonte: De autoria própria, 2024.

A Praça do Peixe, recentemente ganhou um novo uso quando, a prefeitura municipal, buscando alavancar o turismo com as águas do Boqueirão, usando desta tradição em torno do Epitácio Pessoa, e visando esse potencial da cidade realiza desde o ano de 2023 a chamada Festa do Peixe. Esse evento reúne uma programação cultural diversificada que aproveita toda à abundancia das águas do açude, e também outras atividades como exposições de agropecuária, artesanato e muito da gastronomia local. Podemos observar a seguir os cartazes das duas edições da Festa do

Figura 1 – Cartazes da Primeira e Segunda Edições da Festa do Peixe



Fonte: Página da Prefeitura Municipal de Boqueirão no Facebook¹³

¹³ Disponível em: www.facebook.com/PrefeituraMunicipaldeBoqueirao/?locale=pt_BR. Acesso em: 10 de out. 20

Assim, percebemos que além das questões econômicas geradas pelo açude na cidade, podemos destacar que o turismo também é um instrumento que é utilizado para viabilizar e da sustentação a essa “tradição inventada” que foi sendo reforçada ao longo dos anos e tornou o reservatório no Cartão-Postal da cidade de Boqueirão. Aos fins de semana, principalmente, é um local de grandes interações sociais onde vários turistas e também pessoas da cidade apreciam as belezas naturais da paisagem. Em torno do açude foram sendo construídas várias relações e sociabilidades que durante essa trajetória fez com que a cidade ficasse conhecida como “A cidade das Águas”. Na imagem podemos observar alguns dos visitantes nesse local tão frequentado:

Figura 11 – Pôr do Sol no Açude Epitácio Pessoa



Fonte: De autoria própria, 2024.

Uma “tradição inventada” para se consolidar como sendo algo “natural” da vida das pessoas, requer que os símbolos e ritualísticas sejam usados de maneira repetitiva ocasionando uma relação desses valores ou costumes com o passado (HOBSBAWM; RANGER, 1997). É possível observar no decorrer de tópicos que a cidade continua a reforçar essa identidade através de símbolos, como o slogan que está em uso pela prefeitura. Ou mesmo, criando espaços, monumentos e eventos culturais que remete a essa “tradição” em torno do açude.

6 METODOLOGIA

As cidades surgem como berço das civilizações, são milenares e carregam os traços dos que as construíram, pois, as cidades são resultado do trabalho humano. “Nessa Aurora do tempo, milênios atrás, elas lá estavam, demarcando um traçado, em formato quadrado ou circular[...]” (PESAVENTO, 2007, p. 11). A partir dos conglomerados populacionais as cidades se desenvolveram. É neste ambiente onde ocorre trocas e confrontos de visões e concepções; as características dos sujeitos por meio dessas sociabilidades vão compor o espaço urbano e assim, constituir as peculiaridades de particularidades das cidades. Conforme Pesavento:

A cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser cidadão, portar um ethos urbano, pertencer a uma cidade implicou formas sempre renovadas ao longo do tempo de representar essa cidade [...] as cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia a dia, correspondem a outras tantas cidades imaginárias a mostrar que o urbano é uma obra máxima do homem (PESAVENTO, 2007, p. 11).

Esses espaços são criações dos seres humanos, é por meio dos seus pensamentos e das socializações que podem ser fomentadas várias versões de um mesmo espaço. Dessa forma, é de se constituem as cidades imaginárias, apoiadas nas sensibilidades desenvolvidas através das

relações ao longo dos séculos. “Pois o imaginário é o motor de ação do homem ao longo de sua existência, e se a gente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas [...]” (PESAVENTO, 2007, p. 11-12).

A urbe é um ambiente com vida, as relações sociais ocorridas nesse meio, fazem surgir as vozes daqueles que compõem. É lugar de cultura e sensibilidade, propiciando a criação de imagens e discursos sobre o lugar. Como nos aponta Sandra Jatahy:

[...] A cidade na sua compreensão, é também sociabilidade ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes e práticas de interação e oposição [...] A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Seguindo essa ideia de construção e fomentação de discursos, queremos destacar outro pensamento que se relaciona a este aspecto de uma construção de ideias e fala sobre determinados lugares. Ao pensarmos sobre as construções representações que surgem das concepções humanas, é fundamental relacionarmos a ideia de "invenção das tradições" você a partir dos autores Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997). Nas suas perspectivas vem trazer que:

O termo “tradição inventada” é utilizado no sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgem de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos - e se estabeleceram com enorme rapidez (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9).

É na “luz” do pensamento desses autores, que nossa pesquisa se constitui, pois trabalhamos a ideia de como a partir da construção do Açude Epitácio Pessoa foi sendo forjado ao longo dos anos um discurso, a cidade de Boqueirão-PB ganha uma identidade que se permeia em torno das águas do manancial. É construída a “tradição inventada” de nomear o lugar como “a cidade das águas”. Essa ideia nos justifica Hobsbawm e Ranger, quando afirmam que:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; traz práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente: uma continuidade em relação ao passado [...] (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9).

Essa “tradição” é algo que se perpetuou e teve uma continuidade até chegar aos dias atuais por meio de símbolos oficiais do município, festividades, ou mesmo monumentos que são utilizadas como uma ferramenta que causam uma naturalização desse discurso que vem durante todos esses anos sendo reforçado. Assim, fazendo com que não seja possível a um primeiro olhar não relacionar a cidade à abundância das águas do açude, pois o “objetivo e a característica das “tradições”, inclusive as inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado aqui ela se refere impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição [...]” (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 10).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise histórica da denominação de Boqueirão como a "Cidade das Águas" revela um complexo entrelaçamento entre a geografia, a história e a cultura local. A construção do Açude Epitácio Pessoa, na década de 1950, não apenas transformou a paisagem física da região,

mas também catalisou significativas mudanças socioeconômicas, redefinindo a identidade de Boqueirão ao longo das décadas.

Inicialmente marcada pelas adversidades climáticas e socioeconômicas típicas do semiárido nordestino, Boqueirão viu sua trajetória alterada com a implementação de políticas públicas voltadas para o combate à seca. A construção do açude emergiu como um divisor de águas literal e figurativo, proporcionando uma nova dinâmica econômica baseada na agricultura irrigada e na pesca, além de mitigar os efeitos devastadores das secas periódicas.

A pesquisa evidencia como a denominação "Cidade das Águas" transcende uma mera descrição geográfica, incorporando-se ao imaginário coletivo e à identidade cultural da cidade. Este fenômeno é interpretado à luz da teoria da "tradição inventada", que sugere que práticas culturais e identitárias são frequentemente construídas para estabelecer continuidade com o passado, mesmo que de forma simbólica ou ritualística.

Atualmente, a cidade continua a reforçar essa identidade através de símbolos oficiais, eventos culturais e o desenvolvimento do turismo em torno do açude. A Festa do Peixe, por exemplo, é um evento recente que celebra a economia local e a cultura associada ao açude, fortalecendo ainda mais o vínculo entre a comunidade e suas águas.

Em suma, Boqueirão exemplifica como intervenções humanas em resposta a desafios ambientais podem não apenas transformar economias locais, mas também moldar identidades culturais duradouras. A cidade das águas não é apenas um título, mas uma narrativa viva que continua a evoluir, refletindo tanto as aspirações quanto as realidades de seus habitantes. A continuidade dessa tradição demonstra a resiliência e a capacidade de adaptação da comunidade diante das adversidades, assegurando que Boqueirão permaneça, de fato e de direito, a Cidade das Águas.

REFERÊNCIAS

- AB’SÁBER, A. N. **Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 07-56, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9474>. Acesso em: 15 mai. 2022.
- BRITO, V. **Missões na Capitania da Paraíba**. 1. ed. Campina Grande: Cópias & Papéis, 2013.
- DADOS SOBRE O MUNICÍPIO**: Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 23 out. 2024.
- DADOS SOBRE O DNOCS**: Disponível em: https://www.dnocs.gov.br/php/util/downloads_file.php?&dir=&file=/home/util/livres/dnocs/legislacao/Leis/DNOCS-Indice_de_leis_e_decretos.pdf&. Acesso em: 23 out. 2024.
- FERREIRA, A. B.H. **Aurelio júnior: dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. Ed. Curitiba: Editora Positivo, 2011.
- GUEDES, P. H. M. Q. **A colonização do sertão da Paraíba: agentes produtores do espaço e contatos interétnicos (1650 – 1730)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa,

2006. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/38303>. Acesso em: 23 out. 2024.

HOBWASBAN, E.; RANGER, T. (Orgs). *Introdução: a Invenção das tradições. A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9-23.

JOFFILY, I. **Notas sobre a Parahyba**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & C, 1892. Disponível em: <https://books.google.com>. Acesso em: 10 mar. 2024.

LIMA, J. R. ; MAGALHÃES, A. R. **Secas no Nordeste: registros históricos das catástrofes econômicas e humanas do século 16 ao século 21**. Parcerias Estratégicas. Brasília, v. 23, n. 46. p.191-212, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://seer.cgee.org.br>. Acesso em: 10 abr. 2022.

MARIANO NETO, B. **Ecologia e Imaginário nos Cariris Velhos do Paraíba: memória cultural e natureza no cerimonial da vida**. 1999. Dissertação (Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dezembro2011/geografia_artigos/9diss_er_cariri_paraiba.pdf Acesso em: 29. Out. 2024.

MELO, José Octávio de A. **História da Paraíba**. 3. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

MEDEIROS, J. R. C. **Dicionário Corográfico da Paraíba**, 4.ed. Fac-similar da edição de 1950. João Pessoa: IFPB, 2016. Disponível em: <https://editora.ifpb.edu.br/ifpb/catalog/book/10>. Acesso em: 23 out. 2024.

OLIVEIRA, F. C. **Alterações no sistema produtivo e organização do trabalho na agricultura irrigada em torno do açude de Boqueirão-PB. 2007**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <https://www.ufpb.br/>. Acesso em: 10 out. 2021.

OLIVEIRA, F. C. **A construção e transformação do território agrário em torno do açude Epitácio Pessoa “o Boqueirão” no âmbito compreensivo da produção territorial**. In: SÚLPINO, M.W. Boqueirão: História, cultura e identidade. Campina Grande: Plural, 2021, p. 19-43.

PESAVENTO, S. J.. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Revista Brasileira de História, v. 27, n. 53, p. 11–23, jan. 2007.

RIETVELD, J.J. **Atos da freguesia de Cabaceiras: catolicismo do leste do leste do cariri**. 1. ed. Queimadas: Cópias e Papéis, 2020.

RIETVELD, J.J. **Boqueirão na relação de Frei Martinho de Nantes**. In: SÚLPINO, M.W. Boqueirão: História, cultura e identidade. Campina Grande: Plural, 2021, p. 120-132.

SILVA, J. E. **Análise de viabilidade econômica da agricultura familiar dos arrendatários do DNOCS no Açude de Boqueirão-PB**. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/1800>. Acesso em: 05 set.

2021.

SOUZA, F. B. **Modernidade a conta gotas por uma história do abastecimento de água em Campina Grande – PB (1950-1958)**. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080..> 2021. https://www.ufpb.br/fabiano_oliveira. Acesso em: 10 out. 2021.

SOUZA, Maresa Radassa Veiga De. **A atividade pesqueira e aspectos socioeconômicos dos pescadores artesanais do açude de Boqueirão, Paraíba**. VII CONEDU - Conedu em Casa... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79617>. Acesso em: 23 out. 2024.

TROLES, A. L.; SILVA, B. L. **DO POLÍGONO DAS SECAS À VULNERABILIDADE AO COLAPSO HÍDRICO: UMA ANÁLISE DO TERRITÓRIO DO RIO GRANDE DO NORTE**. Revista GeoSertões, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 24–40, 2019. DOI: 10.56814/geosertoes.v3i5.524. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/524..> Acesso em: 23 out. 2024.

VIEIRA, F. G. P. **A história se escreve com documentos: a busca de Irineu Joffily pela verdade sobre Branca Dias na Paraíba**. Anais do XXVI Simposio nacional de História-ANPUH. São Paulo, 2011. . Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300317424_ARQUIVO_ArtigoANPUH Nac2011.pdf. Acesso em: 23 out. 2024.

FONTES

JORNAIS

O BOQUEIRÃO. Jornal O Boqueirão. Boqueirão 16 de janeiro de 1957.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Jornal Diário de Pernambuco. Recife, 11 set. 194. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_12&pasta=ano%20194&pesq=solu%C3%A7%C3%A3o%20aos%20problemas%20da%20para%C3%ADba&pagfis=6399. Acesso em: 29. abr. 2024.

JORNAL A UNIÃO. João Pessoa, 21 jul. 1953. Disponível em:

https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/decada-de-1950/1953/julho/a-uniao-21-07-1953.pdf/view. Acesso em: 29. abr. 2024.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 11 set. 1953. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_03&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=25787. Acesso em: 29. abr. 2024.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 18 jan. 1957. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_03&pasta=ano%20195&pesq=&pagfis=57283. Acesso em: 29. abr. 2024.

JORNAL O BRASIL. Rio de Janeiro, 25 jan. 1891. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800023&pagfis=1627>. Acesso em: 29. abr. 2024.

SEMANÁRIO OFICIAL DE CAMPINA GRANDE. Campina Grande. 19 jan. 1957.

LISTA DE ENTREVISTADOS

Antônio Plínio da Costa Aposentado – 81 anos

Manoel Rodrigues Neto Aposentado – 72 anos

Maria Emília da Silva Santos Aposentada – 80